



EMRC VIVE DA “RELAÇÃO PESSOAL”

O padre Paulo Malícia, diretor do Secretariado Diocesano do Ensino Religioso, destaca o trabalho dos professores de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) durante a pandemia e explica as diferenças entre esta disciplina e a catequese. **pág.06**

Entrevista

DIOGO PAIVA BRANDÃO



“TÃO URGENTES COMO QUANDO NASCERAM”

Nos 700 anos das Festas do Espírito Santo de Alenquer, o Cardeal-Patriarca de Lisboa destacou a atualidades destas festas e sublinhou a importância do padre José Eduardo Martins, que foi pároco desta terra durante mais de três décadas, na restauração desta manifestação religiosa. **pág.02**

Destaque

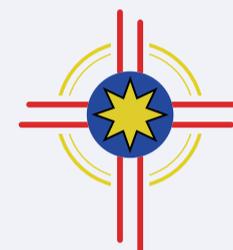
Cardeal-Patriarca convida cristãos a oferecer “Cristo à cidade” **pág.05**

Ceuta: A vergonha da nossa humanidade **pág.08**

“Nem direita nem esquerda, mas harmonia na Igreja”, pede o Papa | **pág.09**

UCP lança coleção de biografias ligadas à instituição

A Universidade Católica Portuguesa (UCP) lançou uma coleção de biografias de “grandes personalidades” ligadas à instituição, intitulada ‘TIMELINE – Biografias Intemporais’. O primeiro volume deste conjunto de obras, editado pela Universidade Católica Editora, com o apoio da Fundação Amélia de Mello, é dedicado à biografia do primeiro reitor da UCP, padre José Bacelar e Oliveira, e tem autoria de Carlos Morujão. Com esta coleção, a Universidade Católica dá a conhecer a vida de cada uma das personalidades retratadas, através dos seus “trajetos profissionais e intelectuais”. O lançamento da coleção ‘TIMELINE – Biografias Intemporais’ teve ter lugar no passado dia 26 de maio, no Auditório Cardeal Medeiros, na UCP em Lisboa, num evento com transmissão online onde participaram, entre outros, D. Manuel Clemente, Cardeal-Patriarca de Lisboa e Magno Chanceler da UCP, Isabel Capelo Gil, reitora da UCP, Vasco de Mello, presidente da Fundação Amélia de Mello, Peter Heinrich Hanenberg, vice-reitor da UCP, e o professor catedrático Germano Marques da Silva, que fez a apresentação da coleção.



SÍNODO
LISBOA 2016

INQUÉRITO DE AVALIAÇÃO COM 1600 RESPOSTAS

O Patriarcado de Lisboa obteve mais de 1600 respostas ao inquérito da receção da Constituição Sinodal. O número foi revelado, ao Jornal VOZ DA VERDADE, pelo secretário do Sínodo Diocesano, cônego Rui Pedro Carvalho. “O balanço do inquérito foi positivo. Até agora, procurámos envolver toda a diocese não só no inquérito, mas numa reflexão de tudo aquilo que foi o caminho sinodal e agora mais concretamente da receção da Constituição Sinodal de Lisboa. Chegaram-nos 1600 respostas, mais alguns contributos por escrito, e, com base nestas respostas, vamos fazer um relatório que, no fundo, na primeira parte vai olhar para estes resultados e o que eles significam, e, a partir daí, tirar algumas conclusões e alguns desafios”, explica este sacerdote, a propósito do inquérito que esteve disponível para resposta, no site do Patriarcado de Lisboa, até ao dia 19 de maio. O cônego Rui Pedro Carvalho referiu ainda que este documento vai ser “alvo de melhorias” durante a assembleia de avaliação, que vai decorrer nos dias 18 e 19 de junho e que “terá uma parte por videoconferência e outra presencial”. “Vamos ter grupos de trabalhos para trabalhar este relatório, que dará origem a uma mensagem final desta caminhada sinodal”, esclarece o secretário do Sínodo Diocesano de Lisboa.

Homenagem ao padre José Eduardo Martins, nos 700 anos das Festas do Espírito Santo

A “MARCA IDENTITÁRIA” DE ALENQUER

O Cardeal-Patriarca de Lisboa destacou a adesão “total, entusiástica e concreta” do padre José Eduardo Martins para a restauração das Festas do Império do Divino Espírito Santo de Alenquer. Na homenagem ao sacerdote, nas comemorações dos 700 anos destas festas, D. Manuel Clemente sublinhou que “as Festas do Espírito Santo são hoje tão urgentes como foram quando nasceram”.

texto e fotos por Diogo Paiva Brandão



“Desde o primeiro momento, a adesão do padre José Eduardo [para o restauro das Festas do Espírito Santo de Alenquer] foi total e foi entusiástica. Não só foi total e entusiástica, como foi concreta. E depois, com bons amigos de Alenquer, o padre José Eduardo lançou-se para a frente e felizmente, com um grande apoio da Câmara Municipal – que também encontrou aqui uma marca identitária de Alenquer muito forte, como aliás tem sido reconhecido –, conseguiu-se restaurar esta tradição das Festas do Espírito Santo de Alenquer”. Foi este o tom da intervenção do Cardeal-Patriarca de Lisboa na sessão de homenagem póstuma ao padre José Eduardo Martins – pároco de Alenquer durante 36 anos, que faleceu em 2012 –, por ocasião dos 700 anos das Festas do Espírito Santo de Alenquer. Na Igreja de São Francisco, em Alenquer, na tarde do passado dia 22 de maio, D. Manuel Clemente referiu-se ao padre José Eduardo Martins como “um bom amigo” e assumiu que a restauração das Festas do Espírito Santo de Alenquer era

“um sonho” de ambos. “Sem o padre José Eduardo, com aqueles que depois se juntaram, e a Câmara Municipal, com certeza, nós não teríamos esta ressurreição das Festas do Espírito Santo em Alenquer, como felizmente aconteceu”, manifestou. “É muito significativo, não apenas para recordar o passado, mas para criar um melhor futuro. Porque é exatamente a isso – criar um melhor futuro – que se liga a tradição das Festas do Espírito Santo. Elas aparecem numa altura que tem alguma semelhança com a nossa, ou seja, de uma profunda mudança de época e de civilização, aqui no nosso continente europeu”, acrescentou.

“Tudo começou daqui”

As Festas do Império do Divino Espírito Santo foram instituídas em Alenquer pela Rainha Santa Isabel e pelo seu marido, o Rei D. Dinis, em 1321. Em 1945, após cerca de 150 anos de interrupção, as festas realizaram-se por uma única vez, até ao seu recente restauro, em 2007. O incentivo, junto do então

pároco de Alenquer, partiu de D. Manuel Clemente, então Bispo Auxiliar de Lisboa, quando assumiu o acompanhamento pastoral da região.

Homem da História, o Cardeal-Patriarca de Lisboa referiu, nesta sessão, que estas festas que começaram em Alenquer “ganharam uma enorme expansão”. “Sobretudo do século XIV para o século XV, princípio do século XVI, ganharam uma grande expansão, por todo o lado onde, especialmente, os portugueses chegassem. Aqui, no continente, um pouco por todo lado, mas também, depois, nas ilhas atlânticas, no Brasil, na diáspora portuguesa por esse mundo além, em especial desde o século XIX para os nossos dias. É uma festa que está também muito ligada à diáspora açoriana, mas tudo começou daqui”, lembrou.

Para D. Manuel Clemente, a atualidade destas festas mantém-se a mesma. “As festas do Espírito Santo são algo que hoje é tão urgente como foi quando nasceu, há séculos atrás, naquele final da Idade Média, em que havia um mundo novo a

aparecer, grandes contradições a resolver e em que a devoção do Espírito Santo como dom pascal de Cristo para criar um mundo fraterno sobressaiu tanto e encontrou maneiras, naquela altura, com as possibilidades tão escassas que havia de se concretizar”, frisou o Cardeal-Patriarca de Lisboa, sublinhando ser “com muito gosto pessoal, eclesial e cultural” que se associa a esta iniciativa de homenagem ao padre José Eduardo Martins, nos 700 anos das Festas do Espírito Santo de Alenquer. “Vejo, com muito gosto, que



PADRE JOSÉ EDUARDO

Nascido a 22 de agosto de 1934, o padre José Eduardo Martins era natural de Pé de Cão, na freguesia de Olaia, concelho de Torres Novas, e foi pároco das duas paróquias de Alenquer (Santo Estêvão e Triana) durante 36 anos, entre 1975 e 2011. Antes, em 1945, foi admitido no Seminário de Santarém, transferindo-se, depois, para o Seminário de Almada, em 1948, chegando ao Seminário dos Olivais em 1952, onde iria permanecer até à ordenação sacerdotal, em 15 de agosto de 1958. O padre Zé foi coadjutor em Tomar (1958 a 1961) e pároco de Aldeia Galega da Merceana (1961 a 1967) e de Aldeia Gavinha (1961 a 1975), a que se seguiu a chegada a Alenquer. Foi também docente e diretor do Externato Damião de Góis, exerceu funções na Santa Casa da Misericórdia de Alenquer e foi um dos fundadores do Agrupamento de Escuteiros de Alenquer.

O padre José Eduardo faleceu a 8 de setembro de 2012, em Alenquer, aos 78 anos, vítima de cancro nos pulmões, diagnosticado em 2011, na semana em que entregava as paróquias ao sucessor, padre Francisco Ludovino, ainda hoje pároco de Alenquer.



Na Igreja de São Francisco, em Alenquer, D. Manuel Clemente destacou a importância do padre José Eduardo Martins na “ressurreição das Festas do Espírito Santo em Alenquer”

aqui, em Alenquer, tudo resultou. Mas tudo resultou, além das colaborações que suscitou, e isto tem sobretudo um nome, uma figura e um coração, que se chama padre José Eduardo Martins”, terminou D. Manuel Clemente.

‘Ilustres Alenquerenses’

O padre José Eduardo Martins é a primeira personalidade a figurar na nova coleção ‘Ilustres Alenquerenses’, que foi apresentada, nesta sessão, pelo vereador da Cultura e Património, Rui Costa. “Este projeto municipal tem como objetivo principal colaborar na persecução da missão centrada numa visão ampla da política educativa, nesta visão do acesso à cultura e na valorização da identidade do território, identificando, destacando e divulgando, junto de públicos distintos, personalidades – como o padre José Eduardo Martins – que ao longo da história desempenharam um papel significativo na sociedade alenquerense”, explicou.

Vão ser editadas, pela autarquia, duas publicações distintas: os mini cadernos biográficos, com periodicidade bimensal, a distribuir gratuitamente por todas as crianças do 1.º Ciclo do ensino básico – “para trabalho em sala de aula, de forma transdisciplinar” – e um volume bianual, “com as versões completas das biografias dos ilustres alenquerenses, para memória futura”. “A opção editorial de dedicar o número um desta coleção à pessoa do padre José Eduardo Ferreira Martins parece-nos, nesta altura, séria, justa e muito feliz”, terminou o vereador.

Defensor das festas

O presidente da Câmara Municipal de Alenquer marcou presença na homenagem ao padre José Eduardo Martins, tendo destacado, na sua intervenção, que o sacerdote era “um homem de causas e de obras”. “Não devemos – nem tão pouco podemos – reduzir a importância do



Durante a sessão de homenagem, o Cardeal-Patriarca de Lisboa e o presidente da Câmara de Alenquer entregaram uma lembrança e a medalha comemorativa dos 700 anos das Festas do Espírito Santo aos familiares do padre José Eduardo Martins



O presidente da Câmara Municipal de Alenquer, Pedro Folgado, destacou que o padre José Eduardo era “um homem de causas e de obras”



Informações: <http://alenquerterradoespiritosanto.pt>



saudoso padre Zé à sua dimensão confessional e apostólica. O padre Zé foi e será, enquanto a memória coletiva não nos abandonar, um filho carinhosamente adotado pelos alenquerenses. Do alto da sua empatia e caridade, soube deixar bem vincada as marcas da sua bondade e benevolência no coração de todos que com ele tiveram o privilégio de, em alguma fase da sua vida, se cruzar”, salientou Pedro Folgado, sublinhando que, “além de sacerdote e bom pastor, o padre Zé foi professor e pedagogo, defensor do património, amante da história e da arte”. “Foi meu colega na escola secundária, onde nos cruzámos variadíssimas vezes, nos anos 80”, partilhou.

O autarca lembrou ainda que o antigo pároco de Alenquer “não se limitou a sonhar” e “arregaçou as mangas”. “Mobilizou pessoas, angariou fundos e avançou temerário deixando o testemunho da sua dedicação inscrito nas paredes das intervenções que promoveu no edifício religioso local. Hoje, esse património valoriza a nossa terra, o nosso município. É motivo de contemplação e de admiração”, observou.

Pedro Folgado destacou também que o padre José Eduardo Martins era “um grande defensor” das Festas do Espírito Santo de Alenquer. “Se há alguma coisa que ele nos ensinou foi a importância da missão pastoral, da utopia e da necessidade de perpetuar as celebrações que estão na base da nossa identidade judaico-cristã. No fundo, é disso mesmo que se tratam as Festas do Império do Divino Espírito Santo, uma das celebrações mais antigas de Portugal. Foi com ele e com outros que se revitalizaram as celebrações em Alenquer, e foi também com ele que aprendi sobre a importância destas celebrações em e para Alenquer. Nunca fez tanto sentido enaltecer os valores do Império do Divino Espírito Santo como agora”, terminou o presidente da Câmara Municipal de Alenquer.



FESTAS DO ESPÍRITO SANTO DE ALENQUER VENCEM PRÊMIO

As Festas do Império do Divino Espírito Santo de Alenquer são um dos dez vencedores da 4.ª edição do programa ‘Tradições’ da EDP, de apoio à cultura popular portuguesa. “Através desta iniciativa, a EDP distribuirá um apoio financeiro de 25.000€ ao município [de Alenquer] para que sejam desenvolvidas iniciativas que contribuam para a preservação e promoção desta tradição que data já 700 anos desde que há registo do seu início”, salienta uma nota de imprensa da autarquia. Este projeto vai viabilizar a realização de um estudo, a publicar em livro, além de um conjunto de reportagens e documentários, a marcar o estado das festas neste século XXI, mas também a organização de workshops sobre a construção de flores e sobre gaita de foles, a criação e desenvolvimento de uma estratégia de comunicação integrada desta marca, e, por último, uma exposição permanente no Museu Municipal.



‘MEMÓRIAS DO PADRE JOSÉ EDUARDO MARTINS’

O átrio dos Paços do Concelho de Alenquer está a receber a exposição fotográfica ‘Memórias do Padre José Eduardo Martins’, que vai ficar patente até dia 31 de maio. A mostra, segundo o município alenquerense, pretende homenagear o sacerdote “por tudo o que deu à nossa terra” e pode ser visitada diariamente, até às 18h00.



Pe. José Maria Brito, sj

Ano Inaciano: celebrar o fogo lento da conversão



Mesmo em tempos marcados pela pandemia, continuamos apressados e, por vezes, sem saber onde repousar a nossa ansiedade e as nossas feridas. O medo e a incerteza trouxeram consigo a experiência de uma certa desorientação: não controlamos tudo e não nos é fácil viver sem a aparente segurança de ter tudo controlado. E é na pressa sem direção que acabamos por procurar algum consolo. E, contudo, a consolação tarda em chegar.

Iñigo López de Loyola vivia confiado na sua arte de lutador e cavaleiro. Era determinado e gostava de vencer. A 20 de maio de 1521 iniciava-se a batalha de Pamplona. Iñigo estava presente e, seguro da sua valentia, resiste. Mas acabaria por ser derrotado, ficando gravemente ferido com a perna estilhaçada por uma bala de canhão. E, a partir daí, este cavaleiro de Loyola perdeu muito do controlo que tinha sobre a sua vida e foi obrigado a um longo tempo de convalescença. Um fogo lento que a partir de uma ferida mudaria o seu nome e a sua vida.

A Companhia de Jesus em todo o mundo, deu início no dia 20 de maio ao Ano Inaciano, celebrando o começo do demorado processo de conversão de Santo Inácio de Loyola, assinalando uma derrota da qual Deus tirou muito fruto. Numa carta enviada aos seus companheiros jesuítas, o P. Arturo Sosa, Geral da Companhia de Jesus, sublinhava o modo como a luta interior e a conversão de Inácio o conduziram a “uma familiaridade muito próxima com Deus”, acrescentando que “esta familiaridade, este intenso amor, permitiram-lhe encontrar Deus em todas as coisas e inspirar outros para formarem juntos, um corpo apostólico, cheio de zelo missionário.” Que luz nos pode trazer este processo?

Não controlamos tudo

Não nos é fácil lidar com o nosso limite, nem aceitar o tanto que não controlamos. No caso de Inácio, esse desconcerto acabou por levá-lo a descobrir no seu interior o desejo de acertar com a vontade de Deus. Mas esta confiança não foi automática. Precisou de ser purificada de um enorme voluntarismo, de um heroísmo disfarçado de um falso ascetismo. A confiança em Deus partindo da sua própria

vulnerabilidade, da contingência que não se encerrou em desespero foi um passo essencial no caminho de Inácio.

Não nos convertemos sozinhos

A História da Salvação mostra-nos que ninguém se salva sozinho. Somos parte de um povo. Inácio passou por muitos momentos de solidão em que lutou com Deus. Caminhou sozinho demorados quilómetros. Mas este peregrino compreendeu também que a conversão, o reorientar a vida para Deus não é um caminho solitário. E, por isso, quis caminhar juntamente com outros companheiros com os quais descobriu o convite de Deus para fundar a Companhia de Jesus.

Deus é a única segurança

Ao longo da sua história a Companhia de Jesus conheceu diversas derrotas. Tal como na primeira de todas elas, cada derrota é sempre o convite a reconhecer em Deus o *Único necessário* que nos segura, o Único que é capaz de transformar as nossas feridas em caminho. Isto não significa que “Deus nos manda” feridas, mas significa que nunca nos abandona a elas.

Além dos 500 anos da Batalha de Pamplona que se assinalaram no passado dia 20 de maio, os jesuítas de todo o mundo vão também comemorar os 400 anos da

Canonização de Santo Inácio de Loyola e de São Francisco Xavier a 12 de março de 2022, data em que também serão evocados os 400 anos da Canonização de Santa Teresa de Ávila, Santo Isidoro e São Filipe Neri. O Ano Inaciano terminará a 31 de julho de 2022 em Loyola, dia em que se celebra a festa litúrgica do Santo espanhol, no aniversário da sua morte.

Que graças se esperam deste tempo jubilar?

Antes de tudo a graça de não esconder, nem fugir das feridas. Num tempo em que tanta dor se encontra por cicatrizar, o caminho de Inácio e dos seus companheiros pode ajudar-nos a encontrar caminhos a partir das nossas feridas. Fazer delas lugar em que se revela a ressurreição.

Na sua mensagem de abertura do Ano Inaciano em Portugal, o P. Miguel Almeida, provincial dos jesuítas portugueses, recordou um momento do Evangelho de São João em que Jesus mostra as suas feridas aos discípulos e eles se alegram. E questiona o P. Miguel Almeida:

“Ter-se-ão os discípulos alegrado pelas feridas do seu Senhor? Claro que não! Alegram-se porque aquelas feridas permitem identificar o Mestre. Passaram a fazer parte da sua história, da sua identidade mesma. Aquelas feridas, também elas ressuscitam e surgem, já não como marca de dor e sofrimento, mas somente como marca de amor e entrega total.”

Partindo da experiência dos Exercícios Espirituais, a Espiritualidade Inaciana abre caminho a um encontro pessoal com Deus. Mas a experiência de Deus não

pode ser limitada por nenhum intimismo ou individualismo. E, por isso mesmo, o Ano Inaciano é um tempo para pedir a graça de renovar o sentido de pertença a um corpo apostólico unido pela missão comum recebida de Jesus, apontando o caminho para Deus que é sempre maior do que as nossas ideias, os nossos medos e as nossas crises. Esta missão passa também por um olhar capaz de ver toda a realidade a partir da novidade que a misericórdia e a gratuidade de Deus trazem à nossa vida. Este horizonte está expresso no lema escolhido para o Ano Inaciano: “Ver novas todas as coisas em Cristo”.

Num mundo em que se experimenta a desorientação, em que é difícil aprender a viver a insegurança de um modo frutuoso e em que as marcas deixadas pelo isolamento podem fazer-nos perder o sentido do serviço, este ano é um tempo privilegiado para acolher a pergunta pelo sentido da vida. É também a oportunidade para converter a nossa sensibilidade a Jesus, estando atentos às feridas da criação que marcam a vida de tantas pessoas, de tantas comunidades e da própria terra.

A conversão é um processo lento que passa por nos deixarmos surpreender por Deus que se aproxima sempre da nossa realidade. A consolação, de que tantas vezes nos fala Santo Inácio, não é um mero sentir-se bem. É saber-se visitado por Deus que abre cada uma das nossas feridas, cada um dos nossos encontros e cada experiência de espanto aos frutos da Ressurreição. Que o Ano Inaciano nos ajude a acolher o fogo lento da conversão.

RICARDO PERNA





Escuteiros de Óbidos inauguram nova sede

No ano em que cumpre 50 anos, o Agrupamento 753 de Óbidos do Corpo Nacional de Escutas inaugurou, a 22 de maio, a sua nova sede, nas antigas instalações da escola primária de Trás do Outeiro, concretizando assim um sonho antigo



Vigília de Pentecostes

“QUE O FOGO DO ESPÍRITO NOS MOVA À MISSÃO!”

Na Vigília de Pentecostes na Sé de Lisboa, o Bispo Auxiliar D. Joaquim Mendes sublinhou que “na área metropolitana de Lisboa há 532.762 jovens, entre os 14 e os 30 anos, e em Portugal 1.873.504” e convidou os jovens cristãos ao anunciarem-lhes Jesus Cristo. “A grande maioria desconhece o grande anúncio: ‘Deus ama-te’, ‘Cristo salva-te’; ‘Ele vive’ (CV, cap. IV). Como lhes fazer chegar este anúncio? Como testemunhar-lhes que isto é verdade e que nós o experimentamos na nossa própria vida? Que o Espírito Santo renove em cada um de nós a experiência deste grande anúncio e que nós o levemos e testemunhemos a todos. Que o fogo do Espírito nos mova à missão!”, desejou o prelado.

Organizada pelo Serviço da Juventude de Lisboa, esta celebração, na noite de 22 de maio, contou com a participação dos jovens dos COVs e COPs (responsáveis vicariais e paroquiais), que tinham estado reunidos, nesse dia com o Comité Organizador Diocesano (COD) de Lisboa. “Nesta vigília, peçamos que o Espírito venha sobre nós, nos transforme, nos renove, nos mova à missão, a caminho da JMJ 2023”, salientou o Bispo Auxiliar do Patriarcado.

A Vigília de Pentecostes foi transmitida, em direto, na página no Facebook do Jornal VOZ DA VERDADE, com D. Joaquim Mendes a evidenciar três “sinais” que “o Espírito Santo pode realizar”: “a transformação” – “não tenhais medo de que Deus abra novas estradas na vossa vida”; “a unidade” – “o Espírito Santo gera comunhão, gera unidade, que não significa uniformidade, mas unidade na diversidade, na pluralidade, na multiplicidade”; e “a missão” – “o Espírito Santo faz-nos sair de nós, impele-nos a sair em direção às periferias geográficas e existenciais, para aí anunciar e testemunhar o Evangelho. E temos tantas periferias na nossa Diocese! Peçamos ao Espírito Santo que nos ajude a identificá-las e a sair”.

HOMILIA NA INTEGRA E VÍDEO DA CELEBRAÇÃO EM WWW.VOZDAVERDADE.ORG



Conselho Presbiteral “Relançar o mundo em caminhos novos”

O Cardeal-Patriarca deseja que a Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023 relance “caminhos novos” para o mundo. “O interesse e o entusiasmo são crescentes, nas dioceses portuguesas e por esse mundo além. O próprio facto de ser, como esperamos, ‘a Jornada pós-pandemia’, faz dela uma ocasião por excelência de relançar o mundo em caminhos novos de solidariedade, de justiça e de paz, tão urgentes como coincidentes com as aspirações da juventude”, referiu D. Manuel Clemente, no Conselho Presbiteral, que reuniu a 18 e 19 de maio.

Sobre a pastoral no Patriarcado, “em todos os níveis – local, vicarial ou diocesano –”, tem “de integrar sempre e cada vez mais” os “pontos fulcrais da Constituição Sinodal de Lisboa, atinentes à Palavra de Deus, à Liturgia e à Caridade”, apontou.



Animação Missionária Oração do Terço juntou os cinco continentes

Em Domingo de Pentecostes, o Sector de Animação Missionária do Patriarcado de Lisboa organizou o ‘Terço no mundo’ – um momento de oração do Terço, em que cada mistério foi rezado por uma comunidade ou movimento, presente em cada um dos cinco continentes. Esta iniciativa decorreu online, através das páginas do Patriarcado de Lisboa e do Sector de Animação Missionária no Facebook (www.facebook.com/lisboamissao), e pretendeu “assinalar o mês mariano e o Domingo de Pentecostes” e “mostrar a realidade missionária” onde estão presentes missionários portugueses.

O ‘Terço no mundo’ contou, ainda, com a participação do Serviço da Juventude de Lisboa.

Solenidade de Pentecostes na Sé de Lisboa

“Ofereçamos Cristo à cidade que O espera”

O Cardeal-Patriarca de Lisboa considera que é “na dimensão interpessoal que a cidade pode acontecer”. Na Solenidade de Pentecostes, na Sé Patriarcal, D. Manuel Clemente convidou os cristãos a “colaborar na construção da cidade”.



“Podemos e devemos colaborar na construção da cidade. Reconhecendo tudo o que de bom cada um transporta, na pluralidade de tradições e projetos que nos traga. E tendo bem presente a exortação de São Pedro à pequena comunidade cristã de Roma, muito limitada que estava num mundo tão diverso e já hostil: «no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça; com mansi-



ção e respeito, mantendo limpa a consciência, de modo que os que caluniam a vossa boa conduta em Cristo sejam confundidos, naquilo mesmo em que dizem mal de vós» (1 Pe 3, 15-16). Palavras oportunas para o Pentecostes que havemos de cumprir hoje em dia. Ofereçamos Cristo à cidade que O espera. Sabemo-lo nós, saibamo-lo para todos”, convidou o Cardeal-Patriarca, na manhã do passado Domingo, 23 de maio.

Na sua homília, D. Manuel Clemente tinha começado por lembrar que a Solenidade de Pentecostes marca o fim do tempo pascal. “É caso para agradecer muito a Deus. É caso para nos perguntarmos se tudo passou da grandeza da Palavra ouvida e da beleza dos ritos celebrados para o nosso coração convertido e ainda mais apaixonado por Cristo. Por Cristo e pelo Evangelho vivo que nos deixou, para o anunciarmos por palavras e obras”, questionou.

JMJ Lisboa 2023

Papa Francisco recebeu logotipo e terço

O Papa Francisco recebeu o logotipo e o terço da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023, a 18 de maio, dia em que se assinalaram 29 anos da sua nomeação para Bispo Auxiliar de Buenos Aires.



“O logotipo em madeira é semelhante aos que foram enviados para cada um dos 21 Comités Organizadores Diocesanos da JMJ, que correspondem às 21 dioceses de Portugal, e foi entregue ao Papa durante a audiência que Sua Santidade concedeu ao presidente da Fundação JMJ Lisboa 2023 e bispo auxiliar de Lisboa, D. Américo Aguiar”, informa uma nota da organização. Nesta visita à Santa Sé, o prelado “teve oportunidade de reunir com vários dicastérios da cúria romana” e de entregar a imagem oficial e o terço da jornada a diversas personalidades eclesiais: “Cardeais Pietro Parolin, Secretário de Estado da Santa Sé; Kevin Farrell, prefeito do Dicastério para os Leigos, Família e Vida; Luis Antonio Tagle, prefeito da Congregação para

a Evangelização dos Povos; Marc Ouellet, prefeito da Congregação para os Bispos; Saraiva Martins, prefeito emérito para as Causas dos Santos; e Tolentino Mendonça, arquivista e bibliotecário da Santa Sé”. Informações: <https://lisboa2023.org/pt>





Padre Paulo Malícia, diretor do Secretariado Diocesano do Ensino Religioso (SDER) de Lisboa

“OS PROFESSORES DE EMRC FORAM INEXCEDÍVEIS”

Apesar dos confinamentos, os professores de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) não descuraram nas formas de manter a relação com os alunos, utilizando os meios que estavam “mais à mão”. Numa entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE, por ocasião da Semana Nacional de EMRC, o diretor do Secretariado Diocesano do Ensino Religioso (SDER) de Lisboa, padre Paulo Malícia, fala das diferenças entre catequese e esta disciplina e aponta dois desafios para a EMRC.

entrevista por Filipe Teixeira; fotos de arquivo

Durante a pandemia, como funcionou a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica?

Os professores foram inexcedíveis em arranjar formas de manter o contacto com os alunos, não só através das plataformas que as escolas punham à sua disposição, mas também de outras maneiras, como as redes sociais. A maior parte dos professores tentou, acima de tudo, manter o contacto com os alunos através das formas que tinha à mão, até porque sabem que é a empatia e a relação que o aluno tem com o professor que motivam a inscrição na disciplina de EMRC.

Claro que também houve casos menos bem-sucedidos, até porque houve pessoas que reagiram de maneira diferente à pandemia. Alguns, fecharam-se, outros, foram à luta, outros, tiveram medo, outros, menos medo... mas, de um modo geral, o mote principal foi para se manter a relação entre aluno e professor.

Desse trabalho realizado pelos docentes de EMRC para manter a ligação com os alunos, parece-lhe que há experiências que irão ficar para o futuro?

Acho que há uma dimensão digital que foi muito acentuada neste tempo de pandemia e que vai ficar para o futuro. Ficou alguma coisa, principalmente a nível dos suportes digitais e visuais para a aula, que vieram para ficar. O que ficou também foi a certeza de que a disciplina é relacional e, por isso, a necessidade de relação também ficou muito acentuada neste tempo de pandemia, o que a mim me enche de alegria.

O restabelecer e alimentar a relação entre professor e aluno afirma-se como objetivo para os próximos tempos?

Não é por acaso que o nosso tema do ano é ‘#MaisPróximo’. Porque, no ano passado, distanciámo-nos e, este ano, vamos ter que nos aproximar. A relação profes-

sor-aluno tem que ser ‘olhos nos olhos’, ‘coração a coração’, e, para isso, não há meio telemático nenhum que o consiga fazer. Este tempo reforçou os meios digitais de suporte, mas também reforçou a necessidade do ensino presencial, que, no caso concreto desta disciplina, fomenta muito a relação entre os alunos, dos alunos com a escola e dos alunos com o professor.

Neste ano letivo, houve um decréscimo do número de inscrições na disciplina de EMRC?

Na Diocese de Lisboa houve um decréscimo de 2% de inscritos na disciplina de EMRC nas escolas públicas e mantive-

ram-se os inscritos no ensino privado. No final de cada ano, há sempre uma sensibilização dos professores para as matrículas e, no ano passado, não foi possível fazer. O próprio processo de matrículas também não foi presencial, como habitualmente, e acredito que o decréscimo de 2% se deve a isso.

Existe uma ideia que a catequese e a disciplina de EMRC equivalem-se no percurso formativo das crianças e adolescentes. Quais são as principais diferenças?

Há uma ideia muito comum que a catequese e a disciplina de EMRC equivalem-se e que quem está na catequese já

não precisa de se inscrever na disciplina de EMRC. Nós estamos sempre a dizer que não é assim, mas, na verdade, ainda não fomos capazes de provar aos pais que não é assim. Porque, quando os pais perceberem que não é assim, também vão querer a disciplina para os seus filhos. Não me parece que seja uma culpa dos pais, é mais uma culpa nossa. Também existem, muitas vezes, alguns alunos que não querem a disciplina porque os colegas também não a têm ou os horários não são compatíveis. Além disso, a disciplina de EMRC não conta para nota e, assim, acabam por desvalorizá-la.

Sobre as diferenças: enquanto que a catequese é uma iniciação cristã à fé e ao de-



O padre Paulo Malícia é o diretor do Secretariado Diocesano do Ensino Religioso (SDER) de Lisboa



O Intercolas reúne, anualmente, milhares de alunos de EMRC



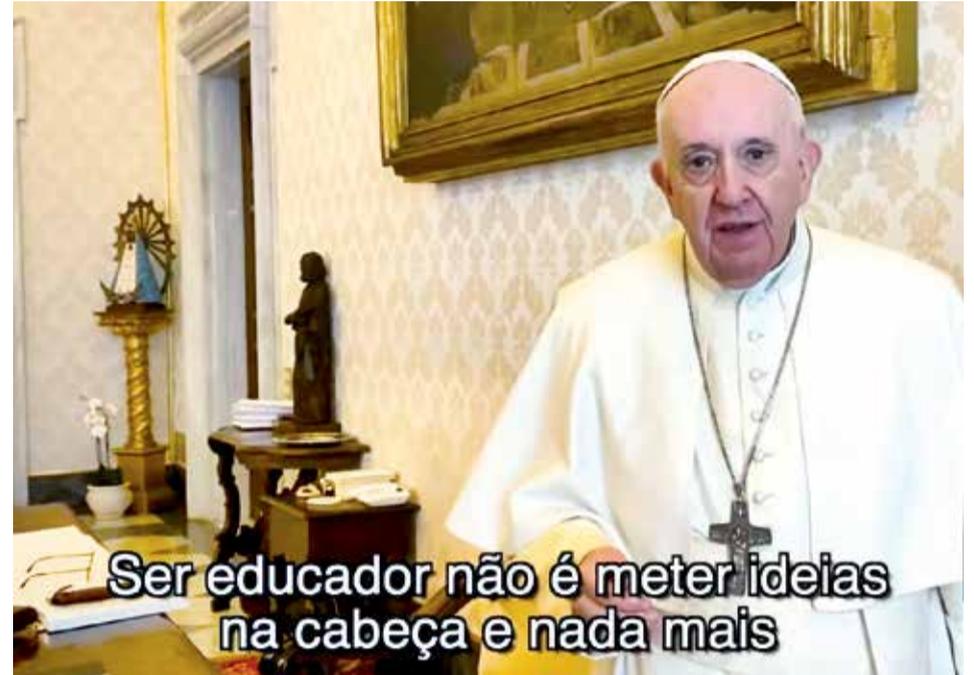
envolvimento da fé da pessoa, a EMRC é uma leitura cristã do mundo e da vida. É olhar, ajudá-los a ver o mundo, a fazer uma reflexão sobre ele, com uma leitura cristã. A missão da catequese é iniciá-los na fé cristã. Na disciplina de EMRC, temos alguns alunos que não andam na catequese e nalguns casos, são de outras religiões. Como estão num país de tradição cristã, gostam de ter essa leitura do mundo. Ainda não fomos capazes de passar esta mensagem, reconheço.

Quais os principais desafios desta disciplina?

Temos dois desafios: um para dentro e outro para fora da Igreja. No primeiro, temos que ser capazes de responder a uma pergunta: “como é que uma disciplina confessional pode ter, hoje, espa-

ço numa escola pública?”. Acho que o futuro da disciplina passa por sabermos articular a resposta a esta pergunta. Na minha opinião, o futuro da disciplina passa pelo debate entre o lugar do religioso na esfera pública, porque cada vez temos mais entraves. A lei diz que podemos lá estar, mas, na prática, é cada vez mais difícil.

Depois, temos um desafio interior, eclesial, que é o de todos nós – bispos, padres, pais, famílias: acreditarmos que a disciplina vale a pena. Eu duvido muito que todos acreditem que a disciplina vale a pena. Em primeiro lugar, temos que acreditar naquilo que temos e, depois, temos que lutar por aquilo que temos. Mas só lutamos, se acreditarmos. Estes são os grandes desafios da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.



PAPA ENVIU MENSAGEM PARA A SEMANA DE EMRC

O Papa Francisco enviou uma mensagem aos alunos e docentes de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), encerrando a semana dedicada a esta disciplina em Portugal, com desafios ao desenvolvimento do potencial dos estudantes. “Ser educador não é meter ideias na cabeça e nada mais, não é disciplinar os alunos e nada mais. Não: ser educador é ser como um maestro da orquestra, que sabe harmonizar todas as potencialidades dos alunos, que se envolve em tudo isto”, refere Francisco, na mensagem que foi apresentada no encerramento da transmissão online do canal do portal ‘Educris’, do Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC).

A intervenção sublinhou a necessidade de “educar as três linguagens da pessoa”, falando na “linguagem da mente, a linguagem do coração e a linguagem das mãos”. Um professor, insistiu o Papa, “harmoniza tudo, ensina a pensar, ensina a sentir, ensina a agir, a ser”. “Tudo, numa tal harmonia que os alunos cheguem a pensar o que sentem e o que fazem; sintam o que pensam e o que fazem; façam o que sintam e o que pensam”, apontou. O Papa incentivou ainda os professores a seguirem “em frente!”. “Não teorizem sobre a Educação, a Educação é acompanhar, fazer um caminho, de tal maneira que os rapazes e as raparigas cresçam cada vez mais. Que Deus vos abençoe e em frente! Rezem por mim, por favor”, pediu.

CONCERTO DE FERNANDO DANIEL APELOU À INSCRIÇÃO EM EMRC

A Semana Nacional da Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) decorreu entre 17 e 21 de maio e terminou com o ‘Concerto falado’ do músico Fernando Daniel, ex-aluno da disciplina. A iniciativa “inédita”, e que teve como tema ‘Esperança-Te’,

pretendeu “motivar os alunos, dar visibilidade à EMRC e sensibilizar para a inscrição”, explica, ao Jornal VOZ DA VERDADE, Fátima Nunes, do Secretariado Diocesano do Ensino Religioso (SDER) de Lisboa. “Como no ano passado, devido à pandemia, não se realizaram os habituais interescolas, que envolvem milhares de alunos, quando percebemos que este ano também não iriam ocorrer, começámos logo a tentar colmatar essa falta para não ficar um vazio gerado pela falta dessa atividade”, acrescenta a responsável.

Durante esta iniciativa, que foi organizada pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC) e que envolveu as dioceses portuguesas, foram apresentados, nas aulas, alguns trabalhos realizados pelos alunos e professores

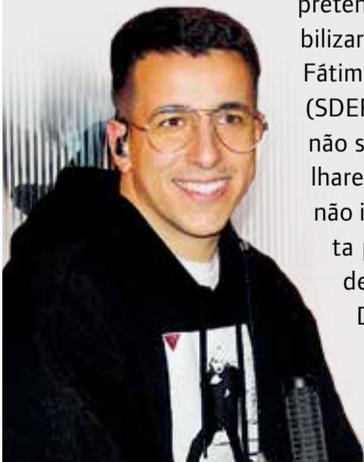
de todo o país, em que procuraram mostrar, através da “arte, da fotografia, do vídeo, da música”, as “razões da sua Esperança”, divulgou a organização.

“Espaço de cidadania, para todos”

No final do ‘Concerto falado’ com o cantor e compositor Fernando Daniel, o SNEC apresentou ainda mensagens de responsáveis católicos portugueses que apelaram à inscrição na disciplina de EMRC, para o próximo ano letivo. D. José Ornelas, presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, afirmou que este é “um espaço de cidadania, para todos”. “Trata-se de discutir o nosso presente e o nosso futuro à luz daquilo que entendemos, como cristãos”, indicou.

Já o presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé, D. António Moiteiro, referiu aos estudantes que “é muito importante fazer opções para o futuro, opções de liberdade, de responsabilidade, de discípulos de Jesus”. O Bispo de Aveiro dirigiu-se ainda aos professores, com uma “palavra de esperança”. “Que saibais semear, no coração dos vossos alunos e no coração de cada um de vós, esta esperança de um mundo novo”, desejou.

‘Concerto falado’ do cantor Fernando Daniel: <https://youtu.be/Uai611cID18>





Migrantes em Ceuta

A vergonha da nossa humanidade

A narrativa bíblica da Torre de Babel dá-nos a entender que o projeto de construir uma torre “cujo cimo atinja os céus” estava inquinado pela sede de domínio e de poder, o que só poderia conduzir à confusão e ao conflito. A narrativa do Pentecostes dá-nos a percepção de que, pelo contrário, com a luz e força do Espírito, a confusão é superada pelo acolhimento, pelo entendimento mútuo e pela paz.



A nossa Babel

Estamos a acompanhar os acontecimentos de Ceuta, com milhares de marroquinos e outros africanos tentando atingir o território europeu, numa aventura cujo desfecho somará sofrimento e problemas exigindo soluções. Revê-se o filme de há um mês, quando cerca de 130 refugiados, ao largo da costa da Líbia, perderam a vida afogados no Mediterrâneo que se vai transformando num provocante cemitério. Repetem-se as tragédias que nas últimas décadas enchem de vergonha a humanidade.

Também nestes dias tivemos mais uma onda de destruição, violência e morte na terra que apelidamos de “santa”; apenas mais um episódio de um problema mal equacionado e não resolvido há setenta anos.

O drama das populações de Cabo Delgado, vítimas inocentes de um terrorismo tolerado e apoiado por interesses sinistros de ganância e corrupção ainda está fresco na nossa memória.

E, bem perto de nós, familiarizamo-nos com o caso de Odemira, que afinal veio levantar o véu que escondia situações de exploração do trabalho e da dignidade dos imigrantes.

Uma Igreja em atitude de Pentecostes

No dia de Pentecostes os discípulos entenderam que só com a luz do Consolador prometido poderiam dar continuidade à missão do Mestre. Para isso tinham que deixar de viver à volta deles mesmos; tinham que abrir as portas e ir para o meio das pessoas, convidando estas a unirem-se

à volta do Senhor. E o “milagre” aconteceu: vindos das mais diversas paragens, falando línguas diferentes, os peregrinos entenderam a mensagem e começaram a seguir o novo caminho. Era a profecia de Joel a concretizar-se, com velhos sonhando ainda com algo de novo e jovens vendo para além do que consideravam já como adquirido. É verdade que os apóstolos têm garantida a presença do Senhor. Mas o caminho será longo e penoso, como o trigo que é lançado à terra ou como um pouco de fermento que se coloca no meio da massa e a vai transformando.

Um caminhar com os outros

A fogueira dos refugiados em Ceuta arde bem perto de nós. Estamos em comunhão de sentimentos com tantos crentes que nos despertam para a pergunta constante

desde as origens: “Onde está o teu irmão”? Começemos pelo Papa Francisco que desde o início do seu ministério chamou a atenção para este drama. Por isso, a primeira saída para fora de Roma foi para visitar Lampedusa. E o motivo foi claro: “Senti o dever de vir aqui hoje para rezar e cumprir um voto de solidariedade, mas também para despertar as nossas consciências a fim de que não se repita o que aconteceu”. E, quando mais recentemente aconteceu o naufrágio dos 130 refugiados, ele clamou: “Irmãos e irmãs: interroguemo-nos sobre esta enésima tragédia. É o momento da vergonha”. E continuou: “São pessoas, são vidas humanas, que durante dois dias inteiros imploraram por ajuda, em vão. Uma ajuda que não chegou”.

O drama de Ceuta não é de hoje. Recordo particularmente a mobilização de organizações cristãs europeias sobre a crise migratória e humanitária em Outubro de 2005, condenando a desumanidade da situação e a falta de políticas adequadas para a superar. As palavras “mar de morte!” e “deserto de suplício” configuravam o título do comunicado. Mas o problema já vinha de trás. Tenho presente a reportagem da revista do Público em 09.11.2003 ou ainda uma outra publicada na revista Visão em 13.10.2005. Ambas me impressionaram e sensibilizaram para o que se passava aqui tão perto.

Tive a sorte de conhecer o Bispo de Tânger Santiago Agrelo, de o ouvir e ainda de fazer uma viagem de 800 quilómetros com ele, descobrindo a sua determinação profética de se pôr do “lado” dos imigrantes. Confessava que há duas coisas diferentes: ouvir o Evangelho desde uma patera (pequeno barco) ou ouvi-lo desde a Catedral. Regressado à sua Galiza natal, após a renúncia por idade, perguntaram-lhe se o seu viver com os refugiados lhe tinha deixado marcas. Respondeu: profundas não, indeléveis sim. As suas palavras e o seu exemplo guardam a frescura do Pentecostes.

texto pelo P. Valentim Gonçalves,
CJP-CIRP



O Bispo de Tânger Santiago Agrelo



com **Aura Miguel**
Jornalista da Rádio Renascença,
à conversa com Diogo Paiva Brandão

Roma /09

“A oração não é uma varinha mágica, mas um diálogo”

O Papa Francisco encontrou-se com uma sobrevivente do holocausto. Na semana em que apresentou a Plataforma Laudato si', o Papa visitou o Dicastério para a Comunicação, lembrou que a Igreja deve ultrapassar as divisões e pediu mais orações pela paz na Terra Santa.



1. O Papa alertou para “o risco de transformar a nossa relação com Deus em algo mágico”. Na catequese desta quarta-feira, 26 de maio, Francisco afirmou que “a oração não é uma varinha mágica, é um diálogo com o Senhor”. “De facto, quando rezamos, podemos cair no risco de não sermos nós a servir Deus, mas de pretender que seja Ele a servir-nos”, frisou, sublinhando que, “na oração, é Deus que nos deve converter, e não nós que devemos convertê-lo”. Por isso, há que ser humilde e rezar, “pedindo a Deus que converta o nosso coração e pedir-Lhe o que é conveniente e o que é melhor para a minha saúde espiritual”. Sobre a incompreensão e até escândalo que surge “quando os homens rezam com coração sincero, quando uma mãe reza por um filho doente e às vezes Deus parece não ouvir”, Francisco reconhece que todos tivemos esta experiência. “Quantas vezes pedimos uma graça, um milagre e nada aconteceu, mas depois, com o tempo, as coisas ajustaram-se, segundo o modo de Deus, o modo divino, e não segundo o que eu queria naquele momento”. “O tempo de Deus não é o nosso tempo”, reforçou.

Nesta manhã, o Papa Francisco encontrou, no final da audiência-geral, uma sobrevivente do holocausto que foi deportada para Auschwitz-Birkenau quando tinha três anos. Inesperadamente, beijou o braço de Lidia Maksymowicz, onde estava tatuado o seu número de prisioneira. Enquanto criança, passou vários anos no “bloco das crianças”, tendo sido submetida às experiências do médico Mengele, conhecido como o ‘Anjo da Morte de Auschwitz’. Junto do Papa, recordou o terror em que viviam, sempre que o médico entrava no cárcere e as chamava pelo número identi-

ficativo do braço. A sobrevivente saudou Francisco e levantou a manga da camisa. Quando o Papa viu a tatuagem com o número de prisioneira do campo de concentração, beijou-lhe o braço e Lidia, comovida, ofereceu-lhe o lenço que trazia ao pescoço. O percurso de vida desta mulher, agora com 80 anos, inspirou o documentário ‘70072, a menina que não sabia odiar’, recentemente apresentado em Itália, razão pela qual Lidia foi ao Vaticano.

2. O Papa lançou, no Vaticano, a Plataforma de Ação Laudato Si', sublinhando a necessidade de enfrentar a atual “crise ecológica sem precedentes” – “um caminho de sete anos que envolverá as nossas comunidades de várias formas, para que se tornem totalmente sustentáveis no espírito da ecologia integral”. Numa mensagem vídeo divulgada esta terça-feira, dia 25 de maio, Francisco lembrou que, “há algum tempo, esta casa que nos hospeda sofre com as feridas que causamos por uma atitude predatória, que nos faz sentir donos do planeta e dos seus recursos e nos autoriza a usar irresponsavelmente os bens que Deus nos deu”. Preocupado com tantas feridas que “se manifestam dramaticamente numa crise ecológica sem precedentes, que afeta o solo, o ar, a água e, em geral, o ecossistema em que vive o ser humano”, o Papa acrescentou que “a atual pandemia trouxe à luz o grito da natureza e dos pobres que mais sofrem com as suas consequências, evidenciando que tudo está interligado e interdependente e que a nossa saúde não está separada da saúde do meio ambiente em que vivemos”. Neste contexto, considerou urgente “uma

ecologia humana integral, que envolva não só as questões ambientais, mas o homem na sua totalidade, torna-se capaz de ouvir o grito dos pobres e de ser fermento para uma nova sociedade”.

3. O Papa Francisco visitou o Palácio Pio, sede do atual Dicastério para a Comunicação, local onde durante décadas funcionou a Rádio Vaticano e que hoje congrega também o jornal L'Osservatore Romano e toda a equipa da plataforma online Vatican News. Durante a visita, o Papa entrou no estúdio 9 da rádio e proferiu, em direto, algumas palavras. “Obrigado pelo que fazem. Só tenho uma preocupação – e há tantos motivos para nos preocuparmos com a Rádio e com o L'Osservatore –, mas há uma que me toca o coração: ‘quantos ouvem a rádio e quantos leem o L'Osservatore Romano?’”. A pergunta lançada pelo Papa revela a preocupação pelos números pouco animadores de leitores e ouvintes. “O nosso trabalho deve chegar às pessoas, o que aqui se faz é belo, é grande, é cansativo para alcançar a gente, quer com as traduções quer também através da onde curta”, disse Francisco. “Mas a pergunta que devem fazer é: Quantos? A quem chega?... porque o perigo é fazerem um belo trabalho, mas não chegarem onde devem chegar”. Um risco que pode acontecer a todas as organizações e empresas. Depois, no encontro com os trabalhadores deste dicastério, reunidos na Sala Marconi, o Papa alertou: “Estejam atentos, não importa quantos postos de trabalho há ou se o estúdio é belo ou não é belo, o que importa é que seja funcional e não vítima do funcionalismo”.

4. A Igreja deve ultrapassar as divisões entre direita e esquerda, disse o Papa, na Basílica de São Pedro. Na homilia da Missa de Pentecostes, Francisco afirmou que “se dermos ouvidos ao Espírito, deixaremos de nos focar em conservadores e progressistas, tradicionalistas e inovadores, de direita e de esquerda”, pois, “se fossem estes os critérios, significava que a Igreja se esquecia do Espírito”. É que “o Paráclito impele à unidade, à concórdia, à harmonia das diversidades e faz-nos sentir parte do mesmo Corpo, irmãos e irmãs entre nós”.

Após a missa, o Papa voltou a apelar à unidade da Igreja, antes da recitação da oração do Regina Coeli. “Na Igreja, há grupelhos que procuram sempre a divisão e se separam dos outros. Isto não é do espírito de Deus. O espírito de Deus é harmonia, é unidade, une as diferenças”, afirmou Francisco.

5. O Papa recebeu um grupo de diplomatas – que lhe apresentaram as suas cartas credenciais – com o pensamento no que se passa em Israel e na Palestina. “Agradeço a Deus a decisão de parar os confrontos armados e espero que sejam seguidos os caminhos do diálogo e da paz”, referiu, na sexta-feira, 21 de maio. A propósito do recente cessar-fogo na região, Francisco acrescentou que “amanhã à noite, os Ordinários católicos da Terra Santa celebrarão com os seus fiéis a Vigília de Pentecostes na igreja de Santo Stefano, em Jerusalém, implorando o dom da paz”. “Aproveito esta oportunidade para pedir a todos os pastores e fiéis da Igreja Católica que se juntem a eles em oração”, pediu.

A história de Philippe Yarga, catequista, assassinado no Burquina Fasso

Executado a sangue-frio

Procurou resistir até ao último instante. Procurou ficar juntamente com os outros habitantes da aldeia apesar de serem cada vez mais visíveis os sinais de que os terroristas se preparavam para atacar. Foi a 16 de Fevereiro do ano passado. Philippe Yarga foi assassinado juntamente com mais 23 pessoas. Philippe era catequista. Tinha sete filhos...



Previa-se que algo de muito grave estivesse para acontecer. No dia 10 de Fevereiro de 2020, homens armados de uma das várias milícias jihadistas que atormentam a região de Dori, no Burquina Fasso, entraram na pequena vila de Sebba e raptaram sete pessoas. Um pastor protestante e seis jovens. Todos foram executados com excepção de duas raparigas que seriam encontradas mais tarde. Os rumores de novos ataques foram ganhando intensidade. A inquietação era visível entre os habitantes desta região situada ao norte do Burquina Fasso, muito perto da fronteira com o Mali e com o Níger, dois outros países que estão também na rota do extremismo jihadista. E, no dia 16 de Fevereiro, aconteceu o que todos temiam na aldeia de Pansi. Philippe Yarga tinha sido avisado que era melhor abandonar a região. Os terroristas, se atacassem, iriam certamente à sua procura, pois Philippe era não só catequista, mas também o líder comunitário da aldeia.

Ataque indiscriminado

Desde 2017 que tinha essa responsabilidade. Era mais uma das tarefas que assumia com

entusiasmo. Philippe estava precisamente a organizar a sua partida e a de outras pessoas quando o ataque começou. D. Laurent Dabiré, Bispo de Dori, resumiu tudo o que aconteceu a meia dúzia de palavras: “os terroristas invadiram a aldeia e executaram 24 pessoas a sangue-frio”. Uma dessas pessoas foi Philippe Yarga. Foi um ataque indiscriminado. Os terroristas varreram a aldeia a tiro alvejando todos os que encontraram pelo caminho. Philippe tinha 46 anos e deixou sete filhos. O mais novo iria nascer dali a apenas mês e meio. O assassinato de Philippe Yarga veio mostrar também a importância e ousadia dos que estão na linha da frente assumindo a sua missão nos locais onde impera a ameaça e o extremismo. A vida da Igreja em África seria impensável sem a coragem dos catequistas.

Reinos de terror

Yarga foi um dos primeiros catequistas enviados para a região de Dori quando a diocese foi criada, em Novembro de 2004. A esmagadora maioria da população local é muçulmana. Os Cristãos não ultrapassam os 2%. Os terroristas procuram criar nes-

ta zona de África um ‘califado’, à imagem e semelhança do que os jihadistas do Estado Islâmico fizeram na Síria e no Iraque. São reinos de terror implacável para quem não seguir as regras do Islão mais radical. São mundos de pesadelo que aos poucos começam a ser erguidos sobre o sangue de mártires e de inocentes como o catequista Philippe Yarga e os outros 23 habitantes da aldeia de Pansi. “Desde 10 de Setembro” do ano passado “até aos dias de hoje”, explica o Bispo de Dori, a diocese “já sofreu pelo menos dez atentados terroristas”. É toda uma vasta zona que está sob ataque. As forças de segurança revelam-se incapazes de sustar esta onda de violência.

Exemplos de coragem

Para a pequena comunidade cristã estes são dias terríveis. Aos poucos, as igrejas vão sendo encerradas e ninguém se atreve a dizer se alguma vez irão voltar a encher-se de fiéis. Por causa dos ataques, por causa da ameaça jihadista, há um número cada vez maior de comunidades cristãs que se vão esvaziando. Diz D. Laurent Dabiré que o Burquina Fasso atravessa um tempo par-

ticularmente difícil, mas os fiéis têm sabido resistir a todas as contrariedades, dando um exemplo notável de fé e de coragem. “Os nossos fiéis têm um grande espírito de perseverança e resiliência. Eles continuam a viver a sua fé, custe o que custar. Nem sequer uma vez desde 2015 ouvimos falar de qualquer caso de deserção, abandono ou apostasia. Os fiéis estão a fugir do terrorismo, mas mantêm a sua fé. Mesmo quando os terroristas ameaçaram as pessoas, tentando forçá-las a converter-se, não conseguiram. O povo simplesmente fugiu, levando consigo a sua fé.”

Estes cristãos de que fala o Bispo, e que têm resistido ao terror jihadista, precisam de nós. Ajudá-los é a melhor maneira de honrar a memória de Philippe Yarga, assassinado a sangue frio a 16 de Fevereiro do ano passado por terroristas islâmicos. Philippe era catequista. Tinha sete filhos...

texto por Paulo Aido,
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre

www.fundacao-ais.pt | 217 544 000



Philippe Yarga, era catequista e líder comunitário da aldeia.



Os terroristas invadiram a aldeia e executaram 24 pessoas a sangue-frio.



A vida da Igreja em África seria impensável sem a coragem dos catequistas.



Os cristãos do Burquina Faso precisam da nossa ajuda.



SUGESTÃO CULTURAL

Documentos Autobiográficos, Pensamentos e Consagrações

Neste volume são publicados alguns dos mais relevantes documentos da autoria da fundadora da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, Luiza Andaluz. “Os documentos são de três tipos: textos autobiográficos, pensamentos e consagrações. Pela leitura do primeiro conjunto de documentos, podemos ficar a conhecer melhor o caráter e as disposições de Luiza Andaluz e os propósitos por que norteou a sua vida e a sua obra religiosa. O segundo conjunto de documentos reúne vários textos pequenos que Luiza Andaluz deixou escritos em estampas ou postais que tinha por hábito oferecer. Ao longo do tempo, as suas Irmãs foram chamando a estes textos, na sua maioria da autoria da fundadora, «pensamentos». Os textos das consagrações integram o terceiro conjunto de documentos”, frisa a sinopse da obra publicada pela Lucerna Editora.

Informações: <https://lucernaonline.pt>



À PROCURA DA PALAVRA

SANTÍSSIMA TRINDADE ANO B

“Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos.”

Mt 28, 20



pele P. Vítor Gonçalves

Com-viver

Inscrito no coração humano está a marca primordial de que “*não é bom que o homem esteja só*” (Gen. 2, 18). E podemos escrever a história da humanidade com a sede de relação e comunhão, com os encontros e desencontros entre as pessoas, com a luta para que a solidão não vença. Viver é conviver, na partilha mútua de sonhos e sofrimentos, e de tudo o que a vida tem, pois nenhuma alegria é completa se não a experimentamos com outros. Não, ao contrário do que dizia Sartre, o inferno não são os outros, mas a sua ausência, como de algum modo ecoa um poema de José Saramago: “*Ao inferno, senhores, ao inferno dos homens, / Lá onde não fogueiras, mas desertos. / Vinde todos comigo, irmãos ou inimigos, A ver se povoamos esta ausência / Chamada solidão. / E tu, claro amor, palavra nova, / Que a tua mão não deixe a minha mão.*” É iniciativa de Deus entrar em relação com o homem, sua criatura. E mesmo com a liberdade humana de recusar, fugir, esconder-se, desobedecer, e

até destruir a vida, Deus revela-se como amor que não desiste de vir ao nosso encontro, para ser “Deus connosco”. Maravilhosa expressão do que significa acreditar e confiar. Mais além do que posse de um conhecimento ou execução primorosa de todas as prescrições, o que Deus quer é que vivamos com Ele. E seria ocasião de perguntar: se acreditamos, em que Deus acreditamos? Um Deus só, distante, em busca de orações e sacrifícios, juiz severo e cioso da sua divindade, ou o Deus “Abba”, próximo e cheio de ternura, exigente no nosso crescimento, a cantar e a dançar connosco a beleza de tudo, e a querer que vivamos com Ele já aqui todos os dias, pois o céu desceu à terra e a terra subiu ao céu? E que outras coisas podemos dizer do Deus em que acreditamos? Celebramos a Santíssima Trindade todos os dias. E todos os Domingos. Pois Deus não se divide, e onde está uma Pessoa estão as outras duas. Este convívio oferecido a todos, mas onde só se entra livremente é o

grande mistério. Não é simplesmente pertencer a uma religião, nem dedicadamente celebrar belas liturgias, mas entrar no dinamismo da vida de “Deus connosco”, já aqui e já agora. Admirável ligação une o início e o fim do Evangelho de Mateus: o Filho, veio ser Emanuel, Deus connosco (1, 23) e agora, ressuscitado, estará connosco para sempre (28,20). É o mistério em acção para todos nós: nem órfãos, nem sós, a descoberta e a vivência deste com-viver com Deus compromete-nos a com-viver uns com os outros. Não simplesmente nas realidades eclesiais, quantas vezes a precisar de mais calor humano e da simplicidade que Jesus mostrou como se fazia, mas em todos os lugares em que estejam, pelo menos, “dois ou três”. Onde o “um” solitário, ainda que genial e herói, é ultrapassado pela união a outro. Mesmo que não nos tenhamos juntado em nome de Jesus, onde for possível dizermos “nós” e procuremos a verdade e o amor. Aí inauguramos com vida a palavra comunhão!

SUGESTÃO DE CÂNTICOS PARA A LITURGIA

SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO (3 DE JUNHO)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	O Senhor alimentou-nos	C. Silva	CN 704 / CEC II 165
Sequência	Terra, exulta de alegria	C. Silva	COM 103
Ofertório / Comunhão	Quem come a minha carne... permanece	M. Simões	CEC II 167
Ofertório / Comunhão	Quem come a minha carne... permanece	J. A. Nunes	CN 837
Ofertório	Eucaristia, Corpo de Jesus	P. Cruz	¹
Comunhão / Ofertório	Isto é o meu Corpo	C. Silva	CN 544 / CEC I 124
Pós Comunhão	Bendito sejas, Senhor: és o Pão...	A. Cartagena	CN 255 ²
Final / Procissão	Bendita, bendita seja a divina Eucaristia	M. Luís / AC	CN 242 / CAC 406

¹ <http://bit.ly/Eucaristia-corpo-de-Jesus> | ² <http://bit.ly/Bendito-sejas-Senhor>

DOMINGO X DO TEMPO COMUM – B (6 DE JUNHO)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	O Senhor é minha luz e salvação	F. Santos	CEC II 53 / CN 717
Ofertório	Quem fizer a vontade de meu Pai	C. Silva	CN 844
Comunhão	Deus é amor	M. Luís	CEC II 54 / CN 353
Comunhão	Buscai o alimento	M. Luís	CAC 382 / CN 262
Final / Pós Comunhão	Quero bendizer-Vos	A. Cartagena	CN 850



DEPARTAMENTO DE LITURGIA DO PATRIARCADO DE LISBOA

SIGLAS | CAC – MANUEL LUÍS, *Cânticos da Assembleia Cristã*, Secretariado Nacional de Liturgia | CEC – *Cânticos de Entrada e Comunhão*, vol. I-II, Secretariado Nacional de Liturgia | CN – *Cantoral Nacional para a Liturgia*, Secretariado Nacional de Liturgia – *Serviço Nacional de Música Sacra, Fátima 2019*. | COM – *Cânticos do Ordinário da Missa*, Secretariado Nacional de Liturgia – *Serviço Nacional de Música Sacra*



Tweets da Semana

“Abramos também hoje os nossos corações ao dom do Espírito Santo, que nos faz sentir toda a beleza e verdade do amor de Deus em Cristo morto e ressuscitado. E impele-nos a sair, a testemunhar este Amor que sempre nos precede com a sua misericórdia. #Pentecostes”

23 de maio

“A cada ano desaparecem milhares de espécies vegetais e animais que os nossos filhos não poderão conhecer, perdidas para sempre. Por nossa causa, milhares de espécies não darão glória a Deus com a sua existência. Não temos esse direito. #Biodiversidade #Semana-LaudatoSi”

22 de maio

Papa Francisco @Pontifex_pt

“Tudo sucede a partir de Deus e só d’Ele, que nos recria em Cristo e nos preenche de Espírito. Hoje é dia de #Pentecostes – e nunca mais deixará de ser, porque a única coisa que definitivamente acontece e perdura é Cristo e o corpo em que se expande através de nós.”

23 de maio

D. Manuel Clemente @patriarcalisboa



Editorial

O BULLYING DEIXA A SUA MARCA

P. Nuno Rosário Fernandes, diretor
p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt



Quando estava prestes a fechar um texto para este jornal, chegou-me um vídeo de violência juvenil, que hoje é designada por bullying. Um adolescente de 13 anos é atropelado por uma viatura na estrada, quando fugia de alguém aparentemente mais velho e do sexo feminino que o perseguia, lhe batia, gozava com ele. Para não variar, tudo ficou registado em vídeo e foi publicado nas redes.

O bullying é uma realidade de que hoje se fala muito, mas não é uma novidade. Não podemos dizer que acontece porque as crianças de hoje são mal-educadas, malformadas, ou porque são educadas com os jogos, com a televisão ou com a internet. O bullying acontece porque há, no fundo, um desejo grande de ser superior aos outros, de se afirmar diante dos outros, tantas vezes de esconder o que não se quer conhecido, ou simplesmente mostrar poder e domínio sobre os outros.

Ao contrário do que muitas vezes se diz, não somos todos iguais. Uns são mais sensíveis, outros mais resistentes, uns com mais capacidade de rea-

ção, outros mais tímidos e fechados em si próprios. Esses, muitas vezes, têm grandes lutas interiores para se afirmarem, até mesmo diante de si próprios. Em muitas situações, os pais gostariam que os filhos fossem capazes de reagir da mesma forma, impondo-se pela força, por vezes, até pela luta, para alcançar o respeito do outro. Mas é preciso a força para ter o respeito do outro? Era assim que acontecia no meu tempo de criança, adolescente... e imagino que também no de muitos dos que me leiam neste momento. E quando não se consegue lutar?

Recordo, de há muitos anos atrás, uma criança que era constantemente objeto de gozo pelos outros, na escola. Interrompida na rua para ser constantemente agredida, procurando fugir de caminhos onde sabia que não seria con-

veniente passar. Chegava a fazer percursos mais longos para chegar a casa, da escola, sem ser chateada. Uma criança que não só era gozada pelos outros, como chegou a ser objeto de escárnio de professores. Um dia, também ela foi atropelada por um carro quando fugia de quem a perturbava. Recordo as lutas dessa criança, e a dificuldade e os medos que sentia quando se via confrontada com outros que a perturbavam. Terá essa criança sido capaz de crescer com normalidade? Do que conheço, sei que sim. Com muitas lutas interiores, para se abrir aos outros sem ter presente o medo de ser gozada, por nada; enfrentando uma timidez constante... Mas posso dizer que foi a sua descoberta de novas amizades e de novos caminhos na vida que proporcionou uma cura, porque o bullying deixa a sua marca.

“O bullying acontece porque há, no fundo, um desejo grande de ser superior aos outros, de se afirmar diante dos outros, tantas vezes de esconder o que não se quer conhecido, ou simplesmente mostrar poder e domínio sobre os outros.”

PODCAST

O podcast do Jornal
VOZ DA VERDADE,
que pode ouvir em
<https://leigosquecontam.podbean.com>



FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes (p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt); Site: www.vozdaverdade.org; Redação: Diogo Paiva Brandão (diogopb@patriarcado-lisboa.pt), Filipe Teixeira (filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d'Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Pato; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - www.dividebytwo.pt | office@dividebytwo.pt; Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenas, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - vozverdade@patriarcado-lisboa.pt; Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2ª a 6ª-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, saranunes@patriarcado-lisboa.pt.



Voz da Verdade

ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



218 810 556

2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Envie um email com os seus dados



Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Nome _____

Morada _____

Código postal _____ - _____ Telefone _____

Email _____ NIF _____ N.º Assinante _____

Assinatura anual: Individual (20 €) Benfeitor (25 €) Benemérito (30 €)